



GRUPO DE ENCONTRO DE ESTAGIÁRIOS DA PSICOLOGIA E SERVIÇO SOCIAL

Relato de uma experiência de estágio multidisciplinar

MADRIELY ROMPATE

CINTIA SOUZA DE ABREU

MARIAQUE RIBEIRO

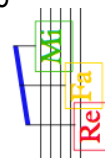
NEUZELI AFONSO FERREIRA

RESUMO: Este artigo traz a experiência da atuação no contexto de um Grupo de Encontro referenciado por Carl Rogers, como uma modalidade de trabalho pautado na ação multidisciplinar, descrevendo concisamente tal experiência. O objetivo do presente trabalho é abordar o papel dos membros estudantes de psicologia dentro do grupo, delineando a vivência da prática em uma clínica escola juntamente com estagiárias do curso do Serviço Social. Os resultados mostraram que o conteúdo emergente trabalhado nas sessões referiu-se basicamente aos temas relacionados às experiências da graduação como processo de desenvolvimento profissional e as expectativas de atuação após a formação acadêmica.

Palavras-chave: Grupo de encontro. Grupo multidisciplinar. Experiência.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado da vivência do estágio supervisionado, realizado no âmbito da Clínica-escola de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG, atividade cuja finalidade é a de realizar um trabalho multidisciplinar entre estagiários do 8 semestre de psicologia e do curso de serviço social.





A atenção à competência do trabalho em grupo, especialmente como requisito na atuação do profissional da psicologia é focalizada, uma vez que a mesma tem sido expressa nas diretrizes curriculares nacionais do curso, algo também observado em um grande número de Universidades enquanto demanda privilegiada. Isso se dá pelo fato de a psicologia ser considerada uma área do conhecimento científico vinculado a perspectivas das ciências sociais, humanas e da saúde, principalmente a pública, otimizado pelos novos moldes das políticas públicas, a partir do Movimento Antimanicomial, Unidades Básicas de Saúde (UBS) e no quadro das equipes dos Programas de Saúde da Família (PSF) (EIDELWEIN, 2007).

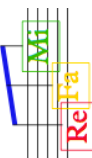
Assim, com um campo de atuação amplo, além de diferentes objetos de estudo, métodos e estratégias de trabalho, diversas demandas se impõem à atuação do profissional, impelindo o campo a viabilizar uma formação ética, generalista, humana, como prevê os documentos curriculares, e, sobretudo, uma formação a partir da compreensão da existência de psicologias diferenciadas, como se tem assinalado atualmente por ser a psicologia uma ciência, bem como uma profissão ampla e dinâmica (BOCK *et al.*, 1999).

Ao considerar o objeto de trabalho da psicologia como algo multifacetado, perpassado por vivências vindas do contexto social, há a necessidade de a psicologia aproximar-se de outras áreas do conhecimento como a do Serviço Social, viabilizando conhecimentos a serem compartilhados com os sujeitos da realidade multiprofissional, para que possam alargar a compreensão de como as relações se estabelecem na sociedade, e, nesse sentido, estruturando uma intervenção mais potencializadora para o campo (EIDELWEIN, 2007).

Dessa forma, o estágio supervisionado obrigatório parece oferecer, quando entendido como instrumento formativo, a oportunidade de propostas teóricas e metodológicas que tenham como consequência a capacitação para o entendimento das disciplinas orientadas a práticas multidisciplinares. Fator esse que nos permite relatar a experiência de ter-se trabalhado em equipe com estagiárias do Serviço Social.

2. RUPO DE ENCONTRO

Uma das características históricas essenciais dos seres humanos é que eles por todo ciclo de desenvolvimento se encontram inseridos em grupos sociais, ajuntamentos que vivenciam experimentações das mais diversas e por vezes, conflituosas. Desse modo, as sociedades humanas baseiam-se no funcionamento efetivo dos grupos para proporcionar a prática comum a todos partícipes





da cultura, tendo em vista a participação nos regimes coletivos e as resolução dos problemas que possam vir a surgir no tocante ao compartilhar da vida e das situações sociais (BECHELLI e SANTOS, 2005).

Segundo Rogers (1978), os indivíduos possuem dentro si vastos recursos para a auto compreensão e para modificação de seu autoconceito, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. No entanto, o autor apresenta as três condições básicas facilitadoras que na relação de terapeuta e cliente possibilita o crescimento individual, percepção de si e realização do próprio *self*. Sendo elas: a Congruência, a Consideração Positiva Incondicional, e a Empatia.

A Congruência é o processo em que o terapeuta, ao se relacionar com o cliente, exprime verdadeiramente as suas percepções, com sinceridade e autenticidade. Contudo, para que haja congruência, o terapeuta deve realizar a Consideração Positiva Incondicional, este processo se dá a partir do momento em que o mesmo mostra respeito, confiança e compreensão incondicionalmente aos elementos da personalidade do cliente (ROGERS, 1978).

A terceira e última condição é a compreensão empática, a partir da qual o facilitador capta os sentimentos e significados pessoais que o cliente está vivenciando. Para entendimento acerca desse aspecto, cabe retomar os termos de Rogers quando assinala que, "Pensamos estar ouvindo, mas muito raramente ouvimos e compreendemos verdadeiramente, com real empatia" (ROGERS, 1978, p.38).

Nessa perspectiva, pretendemos desenvolver tais condições facilitadoras de modo a possibilitar que as pessoas participantes do grupo consigam encontrar um espaço onde elas possam ficar à vontade, sentindo-se acolhidas e respeitadas para falar sobre seus sofrimentos psíquicos.

3. ENTENDIMENTO EM GRUPO NA ACP

Antes de 1947 Kurt Lewin, psicólogo do instituto de Tecnologia de Massachusetts, desenvolveu a ideia de treino das capacidades em relações humanas. Para ele, esse era um dos importantes temas a ser desenvolvido. Todavia, tal tema encontrava-se esquecido no tipo de educação vigente na sociedade moderna nesse período, o que merecia atenção (ROGERS, 1978).

A partir de tal ideia, pouco depois do falecimento de Lewin, surge o primeiro grupo de encontro, denominado na época T-group, realizado por Bethel e Maine. Posteriormente, os grupos de treino de Bethel ganharam forças no verão, surgindo tempos depois no Instituto Nacional Treino de Laboratório, deste ponto em diante os grupos foram se ampliando e se desenvolvendo em diferentes contextos (ROGERS, 1978).





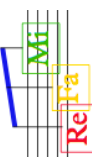
Segundo (ROGERS, 1978) outra fase do movimento da experiência intensiva de grupo desenvolveu-se nesse mesmo período na Universidade de Chicago, local onde Rogers e seus colaboradores de aconselhamento estavam voltados para o treino de conselheiros pessoais para administração dos veteranos. Os mesmos foram convidados para serem criadores de um curso de treinos intelectuais, curso que deveria ser curto, entretanto, intensivo, capaz de capacitar conselheiros pessoais e eficazes no tratamento de problemas do GI regressados da guerra.

Rogers acreditava, contudo, que nenhum treino intelectual seria capaz de prepará-los, em função disso, o mesmo volta-se para uma experiência de grupo intensivo, na qual os participantes se reuniriam durante várias horas por dia, com o intuito de compreender melhor a si próprio e de se tornarem conscientes das atitudes que poderiam vir a ser causadoras de fracasso na relação de aconselhamento.

Era uma tentativa para ligar a aprendizagem experiencial com a cognitiva, num processo que tinha valor terapêutico para os indivíduos. Forneceu muitas experiências profundas e significativas aos participantes, e foi tão bem-sucedida na sequência de grupos de “conselheiros” pessoais que, desde então, a nossa equipe diretiva continuou a usar o processo no grupo de verão (ROGERS, 1970, p. 8).

Assim os grupos se orientaram para o crescimento pessoal, desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações pessoais e terapêuticas diferente dos grupos de Bethel. Com o passar dos anos essa orientação para o crescimento pessoal fundiu-se com o processo de treino de capacidade em relações humanas, fazendo com que ambos, em conjunto, formassem o núcleo de movimento que se espalha hodiernamente pelo mundo. Sendo assim, a origem dos grupos se orientaram, por um lado, a partir do pensamento Lewiniano e pela psicologia gestaltista e, por outro lado, pela terapia centrada no cliente (ROGERS, 1978).

O atendimento em grupo na abordagem centrada na pessoa, não possui natureza estruturada, por este motivo traz as surpresas e irritações que os clientes podem vir a demonstrar. Com o passar do tempo começa a fazer sentido, e a finalidade do grupo consiste em conseguir proporcionar ao cliente meios que ele consiga se relacionar com outro, e consigo mesmo, isso pode fazer com que o cliente se relacione melhor com as outras pessoas, em todo o seu contexto em diferentes situações diárias. O autor apresenta que o grupo deve ser pequeno, possuindo em média de oito até dezoito membros, acolhendo os próprios objetivos. Deve-se sempre que for necessário expor algumas informações teóricas, bem como, qualquer assunto concreto que for apresentado ao grupo, sendo essa proposição de responsabilidade do facilitador (ROGERS, 1978).





Na maioria das vezes a organização da expressão dos sentimentos e pensamentos por partes dos membros do grupo deve ser viabilizada pelo facilitador. Tanto os membros como o facilitador devem estar em constante participação no processo e na dinâmica das interações pessoais imediatas (ROGERS, 1978).

Nesse contexto, compete ao facilitador desenvolver no grupo um clima psicológico que possibilite a liberdade de expressão e redução de defesas. Pois em função deste clima esta muitas das reações imediatas de cada membro entre eles mesmos, bem como, de cada membro em relação a si próprio e como tenderam a se expressar (ROGERS, 1978).

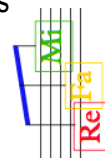
Para Rogers (1978) é a partir dessa liberdade que serão desenvolvidos os sentimentos reais, positivos e negativos, gerando um clima de confiança mútua. A partir dessa atitude os membros tendem a caminhar para uma maior aceitação do seu ser intelectual, físico, e global, sendo eles quem compreendem e expressam as suas potencialidades.

O autor destaca que no atendimento centrado na pessoa, o cliente é respeitado como ser humano, não existindo a proposição de uma cura psíquica, há possibilidade, contudo, em propor ajuda para que a pessoa se conheça, para que passe a se ver de maneira mais real, sem a expectativa de atendimento das imposições do outro. Assim, o cliente é orientado sem ser direcionado, sem ter um caminho traçado pelo psicólogo. Isso se dá desse modo para que cliente e terapeuta estejam envolvidos em um mesmo processo de desenvolvimento. (ROGERS, 1978).

Sobre o papel de um terapeuta dentro de um grupo, se faz necessário que se entenda que:

Ao contrário da psicoterapia individual, o terapeuta no grupo está situado lado a lado e no meio dos pacientes. É, também, membro do grupo. Precisa ter não só a experiência do analista, mas também a presença de espírito e a coragem de colocar em jogo toda sua personalidade no momento preciso para preencher o âmbito terapêutico com calor, empatia e expansão emotiva. A possibilidade de explorar as implicações interacionais do comportamento do indivíduo no grupo é a característica distintiva que confere à psicoterapia de grupo seu potencial terapêutico singular (BEHELLI; SANTOS, 2005, p. 250).

Nesse aspecto, na psicoterapia de grupo, o terapeuta pretende facilitar a atividade e comunicação dos integrantes de maneira que eles possam falar livremente sobre os sentidos que atribuem para suas angústias, mediando conflitos e assegurando o desempenho das regras estabelecidas *a priori*.





4. QUIPE MULTIDISCIPLINAR

O movimento a respeito da interdisciplinaridade surge na Europa (França e Itália), na década de 1960, na tentativa de esclarecimento e de classificação dos temas das propostas educacionais, por meio do empenho dos profissionais da área da educação em suspender a “Educação por migalhas” em busca de parcerias na divisão dos afazeres, assinalando para a importância da divisão de tarefas que sejam de interesse para todos (FRANCISCHETT, 2005).

Um dos primeiros precursores do movimento em *prol* da interdisciplinaridade foi Georges Gusdorf, que apresentou em 1961 para a Unesco um projeto de pesquisa interdisciplinar para as ciências humanas visando o critério da convergência. Tal processo possibilitou com que ocorresse a diminuição da lonjura teórica entre as ciências humanas, com o objetivo de sinalizar as centrais tendências de pesquisas e sistematizar a metodologia e os aspectos das análises, realizadas pelos pesquisadores em exercícios no ano de 1964 (FRANCISCHETT, 2005).

Em 1967 Louvain, possibilita pensar sobre o conhecimento da teologia que aponta dificuldades quanto ao diálogo e a compreensão entre os pares. Nesse contexto, possibilita com que se abra caminho para a interdisciplinaridade. A partir disso, tenta localizar os embaraços ocorrido no ato de dialogar, pontuando os desafios em se fazer compreender pelos outros e delineando o caminho para a interdisciplinaridade, que tende a ser determinada pelas ligações afetivas entre os cooperadores (FRANCISCHETT, 2005).

A partir dessa ideia, a interdisciplinaridade passa a ser vista como uma questão capaz de desempenhar uma compreensão aprofundada, crítica e saudável sobre o funcionamento da instituição universitária, tornando-se assim, um método de trabalho no qual se envolve profissionais de vários campos com o mesmo intuito, o desenvolvimento da pesquisa e da inovação (FRANCISCHETT, 2005).

Francischett (2005) assinala que o significado do termo interdisciplinaridade está marcado pela ideia de relação, em que *inter* = prefixo latino que significa posição ou ação intermediária, reciprocidade, interação; *disciplina* = núcleo do termo se aglutina à *epistemé* = que indica para o funcionamento de uma organização, e, *dade* = idade, sufixo latino com sentido de ação, resultado de ação ou qualidade.

A interdisciplinaridade, tendencialmente, é confundida com a ideia de superação das disciplinas, como fusão e desaparecimento das referências de saberes. Entretanto, diferentes autores têm ressaltado que, o diálogo entre os saberes não faz com que as disciplinas ou os conhecimentos





percam seu valor, tal prática somente delinea a urgência de uma compreensão menos segmentada dos saberes, em uma lógica de trabalho pautada na interação, cooperação e respeito pelas diferenças.

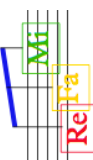
Sendo assim, a interdisciplinaridade está configurada pela força das trocas entre especialistas, algumas atitudes interdisciplinares dependem da cultura, da comunicação que ultrapassam sua própria especialidade, tomando sentido dos seus próprios limites, obtendo assim, acolhimento com os reforços das outras disciplinas (FRANCISCHETT, 2005).

Cultura, que de acordo com Ambrósio (2001), é identificada pelos seus sistemas de explicações, filosofias, teorias, ações e pelos comportamentos cotidianos. Tudo isso se apoia em processos de comunicação, de quantificação, de classificação, de comparação, de representações, de contagem, de medição, de inferências. A exigência interdisciplinar, conforme Georges Gusdorf, que impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para acolher as contribuições das outras disciplinas (FRANCISCHETT, 2005, p. 2).

Segundo Carvalho (2012), os saberes coexistam, a sociedade capitalista os torna isolados e competitivos também na relação entre profissões de diferentes áreas. Cada profissão com sua especificidade prospera, empodera-se e torna-se propriedade de saber e do poder. Contra esse tipo de racionalidade, faz-se necessário romper com a particularidade e desenvolver formas de compreensão da totalidade de novos saberes.

A junção das duas profissões na clínica escola se dá com o objetivo de integração com o serviço social no intuito de criar uma parceria em prol da melhoria dos clientes no âmbito social e psíquico, aliviando assim não só a dor física mais também psicológica de cada indivíduo. Tendo como exigência o saber ético, técnico e profissional pela visão que a formação oferece, a experiência permite ser crítico e propositivo. No âmbito do trabalho em equipe é importante levantar, do mesmo modo, o sigilo profissional para que os participantes sejam resguardados e o código de ética prevaleça.

Carvalho (2012) nos traz que a multidisciplinaridade é fundamental para qualquer profissão. Nesse sentido, é necessário que as profissões se atentem para o fato de que elas não se encontram isoladas de outras profissões, além disso é preciso ter a plena consciência de que para bem interagir com outros campos é sempre necessário saber definir e ser competente em seu próprio campo, o elemento fundamental para que haja troca de saberes entre as equipes multidisciplinares. O autor também diz que é importante ressaltar que a multidisciplinaridade não impede a função de cada disciplina e não provoca a perda da identidade profissional.





Essa parceria com a equipe do serviço social serviu para nos prepararmos melhor para a atuação profissional, nos garantindo uma atuação multiprofissional, e com a vivência multidisciplinar, temos uma visão de como será o mercado de trabalho após a formação, analisando determinados problemas que podem ocorrer no decorrer do percurso no ambiente de trabalho. Nesse tocante, como nos vimos atravessados com alguns problemas que surgiram, cada uma das equipes conseguiu aplicar sua intervenção com pontos de vista diferentes, entretanto, com o mesmo objetivo, sendo ele a contribuição para o desenvolvimento de cada futuro profissional, tanto da área da psicologia como do serviço social.

5. ETODOLOGIA

A proposta de estágio foi para que ele ocorresse de forma integrada com o curso de Serviço Social. Estiveram presentes 04 estagiários de Psicologia e 04 estagiárias de Serviço Social, e todos se encontravam em prática de estágio na clínica escola no campus do UNIVAG.

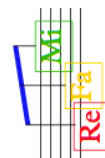
Com base na leitura do livro, *Grupo de Encontro* de Carl Rogers (1978) da Abordagem Centrada na Pessoa, formou-se um grupo de encontro com os alunos da equipe multidisciplinar que atenderam pessoas que estavam em reabilitação na clínica-escola. Nesses encontros, os estagiários de psicologia atuaram como facilitadores do grupo promovendo um espaço acolhedor, oferecendo um ambiente de escuta, atuando todos de forma participativa no grupo.

Os encontros ocorreram em quatro datas diferentes durante uma hora e meia cada encontro, sendo o mesmo quinzenal. Tendo em vista tais grupos e suas vivências, relatamos como foi a experiência no contexto dos mesmos.

6. GRUPO PSICOTERAPÊUTICO: ATENDIMENTO A PACIENTES EM REABILITAÇÃO NA CLÍNICA ESCOLA UNIVAG

Os participantes do grupo psicoterapêutico da clínica escola que atendemos são pessoas que estão em reabilitação e em atendimento fisioterápico. A maioria dos integrantes são homens em idades que variam entre a adolescência e a terceira idade.

Os encontros aconteceram todas as terças feiras, quinzenalmente. Nesses encontros do grupo psicoterapêutico foram seguidos os pressupostos e condições facilitadoras da abordagem centrada na pessoa.





Ao longo de todo o processo, fomos atravessados por inúmeras questões institucionais e dificuldades do trabalho em equipe interdisciplinar. Isso resultou na redução dos nossos encontros, ocasionando o acontecimento de apenas dois.

Percebemos nesses dois grupos psicoterapêuticos que conseguimos construir um ambiente acolhedor que possibilitou uma abertura para que todos os integrantes pudessem falar sobre as suas angústias, expectativas, e troca de experiências.

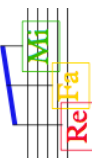
Em virtude da nossa grade do curso não conseguimos seguir com o grupo no semestre seguinte, no entanto, finalizamos com a sensação de que iniciamos o processo de construção para atuação de uma equipe multidisciplinar na clínica escola, bem como, a construção de um ambiente e espaço acolhedor de escuta, respeito e aceitação que possibilitará o crescimento e desenvolvimentos dos membros do grupo, da equipe multidisciplinar e do próprio grupo.

7. RELATOS

“Na tentativa de evidenciar algumas reflexões originadas na presente experiência, acreditamos ser relevante mencionar que a experiência foi marcada por significativas trocas de experiências acadêmicas dentro e fora dos limites da instituição, que nos trouxe a sensação humanizada de nossas relações dentro do grupo” (Maique).

“É importante destacar, que tivemos a oportunidade de experienciar dois movimentos de grupos, um o que atuamos como facilitador e o outro que fomos facilitadores e membros do grupo. O primeiro se trata do grupo psicoterapêutico e segundo do grupo de encontro. Isso fez com que pudéssemos experienciar uma ambivalência de sentimentos, expectativas e aprendizagens que foram emergindo a partir desses dois movimentos de grupo. No entanto, uma das maiores dificuldades encontradas foi o ter que se colocar como membro e deixar de ser facilitador nos grupos de encontro, uma vez que, durante a nossa graduação e ao longo dos outros estágios não tivemos a oportunidade de trabalharmos com as nossas questões dentro do grupo ao qual atuávamos enquanto estagiários” (Cintia).

“A experiência que nos foi trazida no estágio deste semestre, foi um grande desafio se trabalhar em equipe multidisciplinar, pois cada profissão possui as suas especificidades. A vivência em dois grupos terapêuticos, no mesmo campo de estágio me deixou muito angustiada, pois eu sabia que seria uma etapa bem complexa, mas necessária para a nosso desenvolvimento enquanto acadêmicos de psicologia. Dediquei-me para conseguir entender o cliente, me expressar de maneira que o outro se





sentisse entendido e acolhido por mim. O estágio foi prazeroso, e nos trouxe a oportunidade de troca de experiências” (Neuzeli).

“No início do estágio de grupo psicoterapêutico e grupo de encontro, ocorreu uma preocupação da minha parte de como iríamos passar o tempo? Como seria se não surgissem assuntos? Como se iniciariam os grupos, já que a natureza do grupo na visão ACP é não ser estruturada, de início me vi bastante ansiosa devido a essas dúvidas.

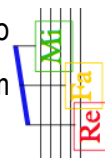
A partir do primeiro grupo de encontro no qual nós estagiários também participamos como membros do grupo, consegui observar qual é o principal objetivo do grupo de encontro, que seria todos os participantes encontrar caminhos para a relação com os outros membros do grupo e consigo próprio, ocorre quando em especial uma das estagiárias chora no grupo nos relatando as dificuldades que a mesma enfrentou desde o início da trajetória como acadêmica. A mesma nos traz a repressão que sofreu por parte dos professores, e, nesse momento começamos a conversar e tentar a enxergar até que ponto essa cobrança seria para prejudicar, posteriormente, a mesma conseguiu enxergar que a partir dessa cobrança, ela conseguiu avançar em sua construção como acadêmica.

Por meio do grupo, conseguimos nos escutar muitas das vezes, pois no campo de ação, falamos e sem sempre escutamos, e mediante a fala do outro isso é possível. Há também momentos em que juntos conseguimos enxergar o quanto a instituição exige de nós acadêmicos, sem levar em consideração nossas dificuldades e fraquezas, sendo ela financeira ou de conhecimento, e nesse momento percebi o quanto eu me cobrava por algo que estava fora do meu alcance, como eu pensava que deveria dar conta. A partir da fala das estagiárias relatando como funcionava o convívio grupal das mesmas e do quanto elas se cobravam, foi possível observar que nosso grupo compartilhava dos mesmos problemas e das mesmas cobranças, emergindo assim sentimentos que nos causavam angústias, tanto no contexto do serviço social quanto da psicologia.

Isso tudo só foi possível devido ao acolhimento a partir do qual nos sentimos a vontade para compartilhar nossas ideias e sentimentos mais íntimos e verdadeiros, e esse acolhimento deve emergir de ambos os grupos, no qual compreendemos a importância de manter um ambiente acolhedor. Em distinção ao grupo de encontro e ao grupo psicoterapêutico, devido aos atravessamentos que ocorreram no estágio, não foi possível obter um conhecimento mais apurado nos grupos psicoterapêuticos por parte dos estagiários, conseguimos observar algumas evoluções nos grupos de encontro.

A partir da fala das estagiárias observamos também o quanto foi importante aquele espaço oferecido por parte da equipe de psicologia, para que elas usassem da forma que elas optassem um espaço sem regras, onde todos se manifestam da forma que achar que deve.” (Adriely Rompate)

ROMPATE, A.; ABREU, C.; ABEIRO, M.; AFONSO, M. Grupo de encontro de estagiários de Psicologia e Serviço social: relato de experiência de estágio multidisciplinar. *Revista Falange Miúda*, Ano 2, N. 1, jan.-jun., 2017. [www.falangemiuda.com.br]





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro contato com o cliente é o momento em que é possível se dar conta da importância de estar aberto para iniciar a construção da relação terapêutica proposta por Rogers. Diante do cliente percebe-se que os pressupostos básicos para o desenvolvimento pessoal, tanto do cliente como do terapeuta perpassa os pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa, o mesmo exige disponibilidade e entrega, não somente a disponibilidade de tempo e domínio teórico. Logo parece ser necessária a compreensão e a vivência de cada um dos pilares, para que antes de oferecer a escuta sejamos capazes de escutar o eco que ressoa dentro de cada um de nós.

Tendo como base as percepções compreendidas, destaca-se, que, o grupo funciona sem a necessidade de uma estruturação *a priori* ou de um apontamento e direcionamento a se seguir sobre as questões levantadas pelos participantes ou ainda de estabelecimento de temas específicos para trabalhar. Isso, pois, o foco é que os participantes realmente tenham um encontro, para que se descubram a partir da dinâmica do relacionamento interpessoal.

Destarte, mediante o relato de um dos integrantes do grupo emergiram os sentimentos dos demais fazendo com que houvesse uma certa compreensão empática dos demais participantes. Compreende-se que o grupo se sente confortável para compartilhar as dificuldades do curso, bem como a necessidade do apoio dos colegas sobre questões que são de todos. Podemos pensar que o grupo possibilitou um diálogo horizontal, em que, nós, como estagiários de psicologia também compartilhamos sentimentos angústias e expectativas sobre o processo formativo, ressaltamos ainda que, as resoluções desses conflitos também se assemelham.

Estas percepções não são possíveis até que se esteja frente a frente com o cliente ou que se dê conta de que não existe teoria capaz de compreender o que o outro sente, que não há nada, nenhum livro ou artigo que possibilite ser empático e congruente, bem como, que estruture uma aceitação do outro incondicionalmente. Isso faz com que descubramos que sua formação em Psicologia por si só não nos torna terapeuta, que existe uma lacuna, incapaz de ser preenchida somente pela busca e incorporação teórica, sem a disponibilidade para viver o que você quer oferecer para os seus clientes.

Até que se perceba isso, diversas expectativas serão criadas, estereótipos, bem como um comportamento de mimese será estruturado na busca por um jeito terapeuta de ser, inclusive o da sua orientadora ou de seus professores. Também se mostra comum a insistência em não sentir algumas emoções que surgiram durante o atendimento, permanecerá, a princípio, no campo da racionalidade e





assumirá um lugar superior ao seu cliente, não por ser rude, simplesmente por não saber que esta é uma relação única da qual você nunca mais encontrará em nenhum outro lugar. Por fim, você descobre que aprendeu mais do que ensinou, que no momento que está diante do outro não cabe mais nada que não seja você e ele.

Conclui-se assim que, em um ambiente democrático, acolhedor e essencialmente compreensivo, flui-se uma diversidade de sentimentos em que a exposição sem medo de julgamento é viabilizada, angústias, ou resistências, bem como todo tipo de expectativa diante dos fatos que são vivenciados são neutralizados. Oferecendo desse modo, liberdade por parte dos participantes para se sentirem à vontade para trazer suas angústias e poderem, de forma livre, se colocar diante de suas questões conflituosas.

REFERÊNCIAS

Rogers, C. (1978). **Grupos de Encontro**. São Paulo: Martins Fontes.

PACHECO, Alexandra; COSTA, Raquel; FIGUEIREDO, Bárbara. Qualidade do relacionamento com pessoas significativas: comparação entre grávidas adolescentes e adultas. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 129-144, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 ago. 2016.

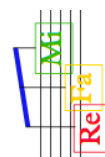
SARMENTO, Regina; SETÚBAL, Maria Silvia Vellutini. Abordagem psicológica em obstetria: aspectos emocionais da gravidez, parto e puerpério. **Revista de Ciências Médicas**, v. 12, n. 3, 2012.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias. **São Paulo: Saraiva**, v. 13, 1999.

EIDELWEIN, Karen. 06. Psicologia Social e Serviço Social: uma relação interdisciplinar na direção da produção de conhecimento. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 6, n. 2, p. 298-313, 2007.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. O serviço social e a interdisciplinaridade. In: **Proceedings of the 4th. Congresso Internacional de Pedagogia Social IV Congresso Internacional de Pedagogia Social**. 2012. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v1/27.pdf>>. Acesso em: 18 de nov de 2016.

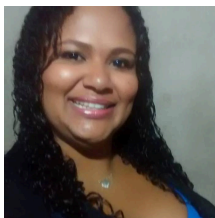
BECHELLI, Luiz Paulo de C.; SANTOS, Manoel Antônio dos. O terapeuta na psicoterapia de grupo. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 249-54, 2005.





Sobre as Autoras e o Autor

Adriely Rompate



acadêmica em psicologia na (UNIVAG). Estagiária do (CREAS) Centro de Referência Especializado de Assistência Social de Várzea Grande MT. Estagiária do Hospital Santa Casa da Misericórdia de Cuiabá MT. adriely-rompate@hotmail.com

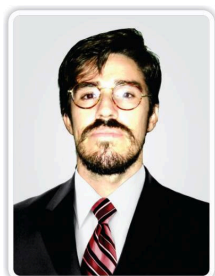
rompate@hotmail.com

Cintia Souza de Abreu



graduanda em psicologia pelo Centro Universitário de Várzea Grande MT (UNIVAG). Graduanda em pedagogia (UFMT). Estagiária do (CREAS) Centro de Referência de Assistência Social de Várzea Grande MT. Estagiária da (DEA) Delegacia Especializada do Adolescente de Cuiabá MT. abreu.cintia.psi@outlook.com

Maique Ribeiro



graduando em psicologia pelo Centro Universitário de Várzea Grande MT. Estagiário de (CREAS) Centro de Referência Especializado de Assistência Social de Várzea Grande MT. Estagiário do (CAPS) Centro de Atenção Psicossocial de Várzea Grande MT. Possui experiência na área de Psicologia, com ênfase em Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), Grupos de Encontro e Psicologia Comunitária. Email:

maique_opo@hotmail.com

Neuzeli Afonso Ferreira



acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande MT. Estagiária do Núcleo de Práticas Jurídicas de Várzea Grande MT. Estagiária do Haras Twin Brothers de Cuiabá MT. neuzeli-afonso@bol.com.br

afonso@bol.com.br

